

O LEITOR E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM A CARTA, DE MIA COUTO

Rejane de Freitas Torres Santos*

Márcio Araújo de Melo**

RESUMO

Neste estudo, direcionamos o nosso olhar para o leitor e a construção de significados, pelo viés da teoria da Estética da Recepção, proposta por Jauss (1994), com a finalidade de compreendermos o cruzamento dos horizontes de expectativas da obra com os do leitor, no momento da leitura, por meio da crônica *A carta*, de Mia Couto ([1991]2012). Notadamente, buscamos discutir, pela vertente teórico-metodológica, a maneira como o trabalho com a leitura literária, que mira o sujeito da recepção, possibilita uma abordagem metodológica distinta para o ensino de literatura. Assim, esperamos contribuir para a análise do texto literário, pela descrição dos modos de construção dos significados, estabelecendo como foco o papel do leitor.

Palavras-chave: Ensino, Leitura literária, Efeitos da obra.

* Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura (PPGLIT), da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Licenciada em Letras pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Professora de Letras no Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA), MA. E-mail: rejane.santos@ufnt.edu.br / rejane.torres@ifma.edu.br; ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-5604-9671>

** Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLIT) da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). E-mail: marcio.melo@ufnt.edu.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6665-4221>.

THE READER AND THE CONSTRUCTION OF MEANING IN *A CARTA*, BY MIA COUTO

Summary

In this study, we focus on the reader and the construction of meanings through the lens of Reception Theory, as proposed by Jauss (1994). Our aim is to understand the intersection of the horizons of expectation between the work and the reader during the act of reading, using Mia Couto's chronicle *A Carta* (2012) as a case study. Notably, we seek to discuss, from a theoretical-methodological perspective, how working with literary reading, which centers on the recipient, allows for a distinct methodological approach to teaching literature. Thus, we hope to contribute to the analysis of literary texts by describing the ways in which meanings are constructed, with a focus on the role of the reader.

Keywords: Teaching, Literary Reading, Effects of the Work.

EL LECTOR Y LA CONSTRUCCIÓN DE SIGNIFICADO EN *A CARTA*, DE MIA COUTO

Resumen

En este estudio, dirigimos nuestra atención hacia el lector y la construcción de significados, desde la perspectiva de la teoría de la Estética de la Recepción propuesta por Jauss (1994), con el objetivo de comprender la intersección entre los horizontes de expectativas de la obra y los del lector en el momento de la lectura, a través de la crónica *A Carta*, de Mia Couto ([1991]2012). En particular, buscamos discutir, desde la vertiente teórico-metodológica, cómo el trabajo con la lectura literaria, que se enfoca en el sujeto de la recepción, permite un enfoque metodológico distinto para la enseñanza de la literatura. Así, esperamos contribuir al análisis del texto literario, describiendo los modos de construcción de significados y enfocándonos en el papel del lector.

Palabras clave: Enseñanza, Lectura literaria, Efectos de la obra.

1. INTRODUÇÃO

O que pode o leitor, em perpétuo devir, na relação tríade que o acopla ao texto e ao autor? Essa é uma questão que ocupa os estudos que se voltam às produções literárias historicamente. Antonio Candido preocupou-se em compreender essa correlação como interdependente. Na obra, “Literatura e Sociedade” (2000), o crítico aponta para a relevância dos três elementos, leitor, texto e autor, enfatizando sua atuação em “um jogo permanente de relações entre os três, que forma uma tríade indissolúvel” (Candido, 2000, p. 38).

A presença de cada um desses elementos é relevante, visto que eles ocupam posições dinâmicas na relação comunicativa. A despeito da metáfora da morte do autor, anunciada por Barthes, que aponta para um paradigma dentro dos estudos literários, o autor nunca morre completamente, pois, ao construir uma obra, ele e sua influência sempre estarão presentes no texto, garantindo que a relação com o leitor seja constante. No entanto, é importante considerar como essa relação é percebida pelo leitor em diferentes épocas. Em outras palavras, essa relação está em constante devir, entre o autor (no tempo do autor), a obra (no tempo da obra) e o leitor (no tempo do leitor).

Em vista disso, interessa-nos a Teoria da Estética da Recepção proposta por Hans Robert Jauss (1994), que postula a presença do leitor como sujeito atuante e não passivo, para realizar uma análise dessa atuação e sua relevância, por meio de sua historicidade, com o foco no deslocamento e na atualização da obra. Na Teoria da Recepção (Jauss, 1994), portanto, o texto se completa no leitor, em diálogo com o autor, relação que também é destacada por Iser (1999). A esse respeito, de igual modo acontece na crônica proposta para o estudo e exemplificação, a saber: *A carta*, de Mia Couto (2012), por meio da qual, pretendemos observar e explorar a presença do leitor, em perspectiva, representado no interior da crônica, ao mostrar como pela interação entre os personagens estes passam a exercer funções que movimentam os papéis de autor e de leitor simultaneamente.

Especificamente, a escrita elaborada por Couto se mostra pertinente para a análise do texto literário, assim como para evidenciar a relação estabelecida no horizonte de recepção para a construção dos significados, pois bem exemplifica a interação do leitor com a obra e com o autor, pela descrição dos modos de construção dos sentidos, com o foco no papel do leitor. Assim, este estudo conta, além da introdução e das considerações finais, com um breve apontamento sobre os pressupostos da Teoria da Estética da Recepção seguido por um gesto de análise da crônica *A carta*, de Mia Couto (2012), enquanto caminho didático de apreensão do papel do leitor e sua relação com o texto.

2. PRESSUPOSTOS DA ESTÉTICA DA RECEPÇÃO

O leitor é uma entidade sempre presente, afirma Regina Zilberman (2008). Sua existência é imprescindível à produção literária oral ou escrita, dado o caráter dialógico da manifestação linguística. O diálogo entre o narrador, por meio da obra, e o leitor é observado ao longo da história da literatura. Notadamente, a leitura só faz sentido quando faz nascer outros diálogos que são criados pelos próprios

leitores. De certo que a compreensão do processamento textual, bem como os sentidos que são produzidos a partir dos textos, literários ou não, deve, sempre, levar em consideração o leitor. Aparentemente, essa é uma verdade muito assentada, mas nem sempre o leitor foi visto dessa forma.

Historicamente, os estudos literários apresentam a existência de uma forte centralização no ponto de vista do processamento textual, da recepção dos textos, mas não na ótica do leitor e sim pela ótica de quem produz o texto e os elementos do próprio texto. Curiosamente, esse movimento epistemológico de deslocar a atenção prioritária do autor e do texto para o leitor aconteceu no século XX, não só na literatura. A discussão foi levantada por Hans Robert Jauss, em 1967, na conferência intitulada “O que é e com que fim se estuda História da Literatura?”, na Universidade de Constança. Nela, o estudioso objetivou estabelecer as bases de uma teoria que procura colocar o leitor na posição de figura central da pesquisa literária, inaugurando, portanto, a Estética da Recepção.

Com efeito, a Estética da Recepção põe o papel do leitor em evidência, ao afirmar, como Eagleton (1997), que, na interpretação de uma obra do passado, existe a possibilidade de emergir um novo significado para o texto, dependendo da posição histórica do leitor e da sua capacidade de dialogar com o texto: “Quando a obra passa de um contexto histórico para outro, novos significados podem ser dela extraídos” (Eagleton, 1997, p. 98). Isso se torna possível por meio do cruzamento dos horizontes de expectativa da obra com os do leitor, por meio da leitura.

Assim, a produção de sentidos se faz em decorrência do fato de que o leitor não deixa de consumir criações artísticas de outros períodos, uma vez que essas leituras se atualizam permanentemente (Zilberman, 2008). De acordo com Jauss (*apud* Zilberman, 2008, p. 92) uma obra “só se converte em acontecimento literário para seu leitor”; portanto, é esse sujeito que afiança a vitalidade e continuidade do processo literário. De sorte que, entre a obra e o leitor, estabelece-se uma relação dialógica pelo horizonte de expectativas.

No que concerne ao acontecimento literário, Jauss (1994) assevera que este só tem consequências, se a recepção de um texto se propagar para públicos posteriores ou se por eles for retomada (Jauss, 1994, p.42-45). Assim, o ambiente de recepção dos leitores (destinatário, recebedor, público, audiência, ouvintes, espectadores) é vivido no momento em que a escritura se dá ou não, com a possibilidade de o leitor experienciar as leituras de forma diferente em cada época. Além disso, o leitor interage com a obra a partir de suas experiências anteriores, ao se relacionarem dialogicamente.

Por outro lado, o momento em que o leitor, cheio de expectativas, visto que não é uma tábua rasa sobre a qual o texto formula sentidos, pensa a leitura como um acontecimento para além da recepção individual e atemporal, formula sua leitura a partir de seu horizonte de expectativas prévias. Nas palavras de Zilberman (2008, p. 92), “ele carrega consigo uma bagagem cultural de que não pode abrir mão e que interfere na recepção de uma criação literária particular”.

Não obstante, Iser (1999) acentua que a relação entre o leitor e o texto é algo que deve ser considerado ao afirmar que:

Nossa discussão se concentrou sobretudo nos dois pólos na situação de comunicação, o texto e o leitor. Agora se trata de analisar as condições que originam tal comunicação. Sendo uma atividade guiada pelo texto, a leitura acopla o processamento do texto com o leitor; este, por sua vez, é afetado por tal processo. Gostaríamos de chamar tal relação recíproca de interação. (Iser, 1999, p. 97)

Nesse sentido, por intermédio da leitura, o leitor é acoplado ao texto, construindo uma comunicação relacional em determinadas condições fundamentais que possibilitam a interação recíproca. Dessa forma, de acordo com sua posição histórica e experiências, o leitor vai, aos poucos, assumindo um papel na produção de sentidos.

Notadamente, vários são os autores que abordam a literatura sob o enfoque da recepção: Roman Ingarden, em *A obra de arte literária* (1931); Roland Barthes, em *O prazer do texto* (1937); Hans Robert Jauss, com *A história da literatura como desafio à teoria literária* (1967); Umberto Eco, em *Leitura do texto literário* (1979); Wolfgang Iser, com *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético* ([1976] 1999), entre outros. Neste trabalho, abordaremos os estudos desenvolvidos pelo alemão Hans Robert Jauss, integrante da vertente teórica da Estética da Recepção.

Uma pesquisadora que muito contribui para os estudos da relação entre leitor e texto/obra é Zilberman (2008). Analisando as produções da literatura “de massa da atualidade”, a pesquisadora destaca que,

Em um intenso trabalho de recuperação de fontes, esses pesquisadores complementam o universo de leitura de diferentes camadas sociais, zonas geográficas e gêneros, para esclarecer em que medida a literatura apresenta **horizontes plurais** de recepção e consumo, diante dos quais todo julgamento pode ser precipitado, se calcado unicamente em critérios contemporâneos. (Zilberman, 2008, p. 91, grifo nosso)

O destaque da estudiosa para a relação entre leitor e texto reside no fato de que a literatura apresenta horizontes plurais de recepção e de consumo, o que permite que uma obra adquira fecunda relação interativa, em diferentes camadas sociais. Por esse viés, interessa-nos alguns dos pressupostos da estética da recepção, de Jauss, especialmente pela formulação das teses que concebem o leitor como horizonte de recepção e acolhimento de uma obra. Em relevo, acerca da Estética da Recepção, Zilberman (2008, p. 92) assevera que a área de estudo,

Assume a perspectiva do leitor, portanto, conforme sua denominação sugere, ao considerar que é ele quem garante a historicidade das obras literárias. Em decorrência do fato de o leitor não deixar de consumir criações artísticas de outros períodos, essas se atualizam permanentemente. Conforme Jauss anota, uma obra “só se converte em acontecimento literário para seu leitor”; portanto, é esse sujeito que afiança a vitalidade e continuidade do processo literário.

Nessa perspectiva, nenhum leitor permanece intocado pelas obras que lê; essas, por sua vez, não permanecem neutras em relação às interpretações que provocam. Segundo Jauss (*apud* Zilberman, 2008, p. 93), o leitor desempenha um papel ativo e influencia a maneira como a literatura se propaga na sociedade. No entanto, a ação do leitor não é isolada; não se trata de uma experiência absolutamente

única para cada indivíduo. Assim, o leitor coincide com o horizonte de recepção ou acolhimento de uma obra (Zilberman, 2008).

Com efeito, a fim de discutir mais claramente a teoria, Jauss organizou sete teses didático-metodológicas, que se dividem em dois grupos (Zilberman, 2008). O primeiro aponta para os quatro primeiros conceitos que apoiam a nova historiografia literária. Enquanto o segundo apresenta os três últimos conceitos que tratam dos princípios metodológicos da teoria. Contudo, não é nosso interesse abordar todas as sete teses, mas focalizar como cada obra procura se particularizar diante do universo para o qual se apresenta. Particularização essa que se evidencia quando rompe com os códigos e as normas predominantes (Zilberman, 2008).

Em vista dessa perspectiva, neste trabalho, propomos compreender o cruzamento dos horizontes de expectativa da obra com os do leitor em *A carta*, à luz dos princípios metodológicos de Jauss, os quais encaram o leitor pelo processo dialógico. Em outras palavras, pretendemos observar, pelo gesto de leitura, como o escritor, ao escrever uma obra, tem em mente um leitor em perspectiva no processo comunicativo, de natureza interativa.

Por isso, a teoria jausstiniana nos interessa porque concentra a dimensão da recepção e o efeito (estético) sobre o leitor pela obra. Assim, o leitor assume a terceira instância da história, onde, anteriormente, “havia sido uma história dos autores, das obras, dos gêneros e dos estilos” (Jauss, 1994, p. 73). Logo, em função do reconhecimento e atualização da posição do leitor, esse passa a ocupar a posição de quem atualiza a obra a partir de suas molduras e de seu próprio horizonte de expectativas.

A atualização, segundo o horizonte de leitura, coloca em cena dois aspectos de destaque. Primeiro, o *horizonte*, o repertório literário ou não que o leitor já possui, ou seja, é uma medida coletiva e social. Em segundo lugar, a *consciência possível*, o saber prévio constituído pelas normas sociais, linguísticas e éticas do repertório de leitura do leitor, isto é, aquilo que ele pode antecipar antes mesmo de ler a obra (Jauss, 1994).

Dessa forma, é importante discutir a presença do leitor na obra estética, porque ele faz com que uma obra se torne um objeto estético e de arte pela perspectiva de leitura e circunscrito em uma época específica de uma determinada sociedade.

3. GESTO DE ANÁLISE NA CRÔNICA A CARTA, DE MIA COUTO

Como já explicitado, para observarmos o papel do leitor no processo de leitura em diálogo com o texto literário, optamos pelo método da Estética da Recepção, proposto por Jauss (1994), pois consideramos que esta é uma relevante abordagem da prática da leitura literária e ainda suscitar reflexões sobre possíveis implicações didáticas dessa abordagem no ensino de literatura. Haja vista que a literatura, em nexos com o leitor, viabiliza-se pela historiografia em processo e pelo cruzamento dos horizontes de expectativa da obra com os do leitor.

Para tanto, optamos ainda por focalizar a crônica *A carta*, de Mia Couto, da obra *Cronicando* ([1991] 2012), como objeto de análise por considerarmos as características próprias do texto ficcional construído, imaginativamente pelo autor, com o objetivo de evidenciar a recepção do leitor, o que contribui, significativamente, para o que propomos.

Desse modo, ao iniciarmos nosso gesto de análise, interessa-nos mencionar que Mia Couto, pseudônimo de Antônio Emílio Leite Couto (1955), é um escritor e biólogo moçambicano. É, ainda, um reconhecido autor da literatura contemporânea cujas obras são caracterizadas, principalmente, pelo resgate da tradição cultural moçambicana por meio de uma linguagem marcada por neologismos, marcas de oralidade e valorização da memória cultural de seu povo somado a um olhar introspectivo e crítico sobre a vida e as relações interpessoais, destacando a habilidade em captar as nuances da condição humana.

Convém destacar ainda que, apesar de ser reconhecido como um autor com certa mobilidade entre os gêneros literários crônica, conto, novela e romance, com uma escrita que incorpora elementos líricos e simbólicos e criando uma prosa que é ao mesmo tempo narrativa e poética, Couto não deixa sua obra se fixar em nenhum deles. Característica que nos permite identificar, especialmente na obra *Cronicando*, a produção de sua crônica como um gênero híbrido, um *entregênero* (Xavier, 2010).

Diante disso, consideramos o texto em análise uma crônica, tanto por se encontrar na obra *Cronicando* que, pelo título, denuncia o gênero em que o texto foi escrito, quanto por dar lugar a uma narrativa em que a realidade e a ficção se entrelaçam (Angius e Angius, 1998). Contudo, mesmo apresentando uma escrita mista, ou seja, um entregênero, as crônicas aproximam-se mais do conto, pela estrutura e pela trama, são enriquecidas pelos neologismos e amálgamas linguísticas, pelas metáforas e pelo lirismo (Xavier, 2010). Por isso, é possível perceber uma estrutura muito tênue entre conto e crônica na narrativa de *A carta*.

Desse modo, a crônica “*A Carta*”, de Couto, narra a história da troca de correspondência entre um filho que partiu há muitos anos para a guerra e uma mãe saudosa. No enredo vemos uma sucessão de acontecimentos que giram em torno da leitura da carta que mesmo sendo a mesma, na perspectiva do leitor, ganhava a cada leitura um novo contexto, gerava novas narrativas capaz de fazer a mãe ouvinte torna-se “como o rio, num açude, se disfarça de lagoa”. O fulcro narrativo recai, pois, sobre a figura de uma mulher analfabeta que, atingida pela tristeza, pela distância e pela devastação da guerra, recorre à ajuda de um jovem leitor para que velhas letras se transformassem em novos enredos, novas aventuras de seu filho Ezequiel. Mamã Cacilda entregava todos os dias o mesmo papel, mas deleitava-se na força criativa, na capacidade de gerar novo sentido que o narrador leitor possuía, pois para ele “as letras igualam as estrelas mesmo poucas são infinitas”.

As novas leituras amenizavam a dor da partida cruel, indesejada de Ezequiel que fora jogado em um caminhão sem camisa, sem mala “como se faz às encomendas sem endereço”. Para o narrador - leitor as letras cheiravam a pólvoras, mas para Mamã Cacilda cheirava à vida ao serem lidas. As leituras produziam força e traziam a existência “os infintos modos de ser filho, homem com méritos para permanecer menino”.

A crônica, portanto, é retratada numa narrativa que entrelaça realidade e ficção onde a leitura de uma missiva enviada por um filho soldado, a única, foca o narrador que lê repetidamente (alterando-a sempre) à mãe daquele. Situação que se estende por anos, até o dia em que recebe a notícia que o rapaz morrera na guerra. Finalmente, com a notícia da morte do autor da carta, o leitor-personagem se vê sem coragem de transmitir a nova informação à mãe. Contudo, mesmo que o narrador não tenha a coragem de revelar a verdade, se vê diante de uma mãe que, de alguma forma, já parece saber o que aconteceu.

Dito isso, passaremos a discutir como o cruzamento entre os horizontes de expectativas da obra e do leitor promove a construção de significados no texto literário que tomamos para a análise. Iniciamos observando, brevemente, a apresentação da Carta ao situar as personagens actanciais logo na situação inicial no trecho, destacado a seguir, que simula como o escritor prevê o leitor em expectativa como alvo da comunicação. Vejamos:

“Era a Carta de seu filho, Ezequiel. Ele se longeara, de farda, cabelo no zero. A carta, ele a enviara fazia anos muito coçados”. (A carta, Couto, 2012).

Pelo fragmento destacado, o leitor pode apreender como o panorama da recepção de um texto pode se propagar para públicos posteriores, em épocas e circunstâncias diferentes, repetindo-se por *anos*, no processo da construção de significados na qual ele exerce um papel ativo, uma vez que o texto possibilita-o realizar a (re)leitura, atualizando-o, assim como ocorre com o texto literário. Dessa maneira, a recepção de uma obra pelo leitor pode ser colocada em perspectiva considerando a relação entre o leitor dentro da obra, o leitor previsto pelo autor e o leitor fora da obra, ou seja, o leitor na realidade.

Desse modo, quando tomamos o texto da crônica como simulacro, para suscitar reflexões sobre possíveis implicações didáticas dessa abordagem no ensino de literatura, concordamos com a posição que o leitor assume na previsão do texto, conforme postulado por Iser (1999) ao tratar do leitor implícito. Para tanto, observamos a forma como Couto escreve a narrativa sobre a perspectiva de um leitor-personagem, que é um leitor que lê para a mãe da personagem (o filho soldado) e que é o autor da carta. Com efeito, a leitura da missiva tem por objetivo alcançar, no horizonte, uma leitora em expectativa (a mãe), assim como o leitor-recepção que a recebe no circuito leitor (o leitor literário), socialmente falando.

Assim, para apreender melhor como a leitura da carta possibilita ao leitor experienciar formas diferentes de leitura em cada época, no fragmento a seguir é possível perceber que ao longo do período de (re)leitura da carta sugeriram conflitos na trama, tais como: a miséria, a intensificação da guerra civil e a morte. Notadamente, pela da leitura da carta, é perceptível que a mãe do soldado, apesar de sentir na carta a impressão do “cheiro de pólvora” aliado a constante angústia no coração, com o passar do tempo torna o ato de ler como se esse fosse o seu único contato com o filho e, até mesmo, como se a leitura da carta fosse uma prova de vida dele. Ademais, durante o período das repetidas leituras os conflitos pareciam diminuir. Pois, sempre que ela realizava a leitura da velha missiva, mesmo pelos olhos de outra pessoa, um fio de esperança surgia.

“Essas letras cheiram a pólvora, me rodilham o coração. Era o dito da velha. Agora, passados os tempos, aquele papel era a única prova do seu Ezequiel. Parecia que só pelo escrito, sempre mais desbotado, seu filho acedia à existência. Nas primeiras vezes eu até me procedia à leitura, traduzindo a autêntica versão do pequeno soldado”. (A carta, Couto, 2012).

Na trama, o leitor-personagem reflete sobre a experiência de viver a separação com entes queridos causada pela guerra e, especialmente, sobre a dificuldade de manter uma conexão à distância, o que o levava a atualizar o texto a cada nova leitura com o intuito de *acender a existência* do filho. Nessa perspectiva, o leitor literário atua como o sujeito que afiança a vitalidade e continuidade do processo literário na interpretação de uma obra do passado, como exemplificado na crônica em mira. Por essa razão existe a possibilidade de emergir um novo significado para o texto, dependendo da posição histórica do leitor e da sua capacidade de dialogar com o texto, atualizando-o. Isso, portanto, justifica a atualização que o leitor-autor realiza na missiva, para atender o horizonte de expectativa que, neste caso, é o papel exercido pela mãe de Ezequiel.

Com efeito, pela representação do leitor-personagem (a mãe) é possível apreender como as experiências leitoras vivenciadas em uma mesma obra podem ser diferentes. Pois, pela leitura, entram em cenas dois cenários interessantes acerca do papel exercido pela figura da personagem-leitor e do autor. De um lado, a posição da personagem-leitor que lê para a mãe não viveu o momento da guerra, mas ela, sim. Por outro lado, analogicamente, o mesmo acontece também com relação à condição do próprio autor, que não viveu na mesma época de suas personagens. Apesar disso, a atualização da obra sempre acontecerá, o que é demonstrado, com efeito de exemplificação, de qualquer texto literário no qual o leitor atua como coautor.

É na função de coautor que o leitor-autor, em expectativa, “alonga a tinta” do texto e atua, ativamente, atualizando e transformando os sentidos do texto em diferentes contextos históricos e sociais. Assim como podemos observar no trecho destacado, a seguir:

Já não restava nada que ler. Era só o gorduroso gatafunho, despedida sem nenhum beijo. Pode a carta de um saudoso filho terminar assim «unidade, trabalho, vigilância»? Mas a velha insistia, cismalhava. Eu que lesse, toda a gente sabe, as letras igualam as estrelas mesmo poucas são infinitas. Eu lhe fosse paciente, pobre mãe, sem nenhuma escola. **Foi então que passei a alongar aquela tinta**, amolecendo as reais palavras. Inventava. Em cada leitura, uma nova carta surgia da velha missiva. E o Ezequiel, em minha imagináutica, ganhava os infintos modos de ser filho, homem com méritos para permanecer menino. (A carta, Couto, 2012, *grifo nosso*).

Na crônica, como observado, Couto utiliza a escrita de uma carta como um dispositivo narrativo, para explorar temas profundos e refletir sobre a complexidade das relações humanas e da sociedade impactada pela dor e separação causada pela guerra. Nessa narrativa, o escritor lança mão da epístola para retratar o único meio de comunicação entre um filho enviado à guerra e uma velha mãe saudosa. No primeiro momento, o filho, Ezequiel, atua como o autor da carta endereçada à mãe, Cacilda. Identificamos, assim, a personagem Cacilda, que recebe a missiva, representando a posição do leitor em perspectiva, no horizonte de expectativa da obra. Na condição de analfabeta, a personagem da mulher recebe a carta e solicita a leitura de um jovem leitor, o qual fecha a tríade actancial da narrativa. Nessa

esteira, todas as personagens desempenham um papel na narrativa assumindo a posição ora de autor-leitor, ora de personagem-leitor movimentando, pois, o fluxo narrativo.

Notadamente, é a personagem do jovem leitor que assume a posição de autor e atua como o personagem-leitor que desempenha a função de conectar a mãe ao filho através da leitura da carta. É ele quem, ao alongar a tinta, na função de leitor, passa a viver as próprias aventuras de Ezequiel, pois como leitor “se multiplica e se diferencia em distintas performances a partir das diferentes demandas do que se dá a conhecer. Do texto. Do Mundo” (Silva; Melo, 2015, p. 124). Por essa razão, é pela presença e pela atuação do autor-leitor das novas narrativas, que emergem das velhas letras, as expectativas de Mamã Cacilda são atendidas, e assim, novos significados podem ser extraídos da velha carta cujas palavras eram amolecidas.

De sorte que, no texto, as personagens desempenham funções que movimentam, concomitantemente, os papéis de autor e de leitor no decorrer da trama, em simulacro ao que o leitor real realiza. Desse modo podemos observar a atuação, simulada, que o autor realiza do leitor pela caracterização do filho Ezequiel, da mãe Cacilda e do jovem leitor desconhecido. Contudo, apesar de Ezequiel, jovem soldado enviado à guerra, exercer, inicialmente, apenas a função de autor da carta, outro personagem exerce, simultaneamente, os papéis de leitor e autor, ou seja, o jovem leitor.

Convém destacar, primeiramente, que, logo no início da narrativa, um jovem desconhecido é convidado por Cacilda para ler a carta. Assim, no desenvolvimento da narrativa o jovem, que passa a realizar a leitura da epístola, realiza também a leitura das expressões da mãe aflita e acaba por fazer adequações nas palavras da missiva. Assim, para apreender o horizonte do leitor, nesse caso o de Cacilda, o (novo) autor, ou seja, o jovem leitor, passa a reelaborar a carta, atualizando-a a cada nova leitura.

Pela descrição dos modos de construção dos significados e adequações realizadas pelo leitor da carta, relação que é estabelecida com o foco no papel do leitor em fito ao seu horizonte de expectativa, percebemos a necessidade de se considerar como a interação do leitor com a obra é atualizada pelas repetidas leituras que se faça, nesse caso, de uma carta enviada por um filho combatente há muitos anos.

Portanto, enquanto realizamos a leitura da crônica, é possível pensarmos na relação do leitor com a obra/texto pela relação da mãe com o rapaz, pela releitura da carta, comparativamente, ao mirar o horizonte de expectativa do leitor em diferentes momentos. Isso porque o narrador evidencia a posição do leitor em conexão com o texto, pelas repetidas vezes que a personagem da mãe solicita a releitura da carta. De sorte que o leitor, que também atua como autor ao recriar o texto, pois, “já a conhece de memória”, passa a atualizar a mensagem para o momento presente, objetivando atender às interações pessoais e depois lançar essa interação na relação texto-leitor (Iser, 1999, p. 107). Conforme podemos verificar no seguinte trecho.

Foi então que **passei a alongar aquela tinta, amolecendo as reais palavras**. Inventava. Em **cada leitura, uma nova carta** surgia da velha missiva. E o Ezequiel, em minha imagináutica, ganhava os infintos modos de ser filho, homem com méritos para permanecer menino. (A carta, Couto, 2012) grifo nosso.

No trecho lido, podemos perceber como o leitor assume o papel de autor ao recriar a carta, fazendo surgir uma nova missiva, na tentativa de atender as esperanças da mãe aflita, cujo filho, agora um soldado no cumprimento do dever, “escrevia sem ternura”, um soldado em guerra que “desaprendera o amor”. Assim, ao ler as feições da mãe, de “coração apertado”, pelo comportamento leitor, o autor exerce o papel de “inventar dedicatórias àquela mãe”. De igual modo, é possível pensarmos as diferentes formas de leituras de uma mesma obra em diferentes épocas, assim como ocorre, portanto, a provável morte do autor para que viva o texto, pelos olhos do leitor.

Assim, a crônica ilustra, satisfatoriamente, como no processo de escrita o leitor importa para a produção literária, visto que as obras são objetos de algum tipo de acolhimento. Por meio dele, é possível observar como as leituras proporcionam uma nova obra que suscita expectativas, despertando lembranças que, de acordo com Jauss (1994), “conduz[em] o leitor a determinada postura emocional e, com tudo isso, antecipa[m] um horizonte geral da compreensão” (Jauss, 1994, p. 28). No trecho lido, anteriormente, foi possível percebermos como a relação dialógica, pressuposta da história, pode ser observada quando o leitor, à frente do autor e da obra, passa a ser a figura central da renovação historiográfica, com base na recepção e no efeito da obra em diferentes momentos.

É ele, o leitor, quem cria a moldura dialógica com o texto, ao atualizar a obra pelas releituras que realiza, conforme Mia Couto mostra a interação do leitor com a obra e com o autor, pela descrição dos modos de construção dos significados, com o foco no papel do leitor. Portanto, a leitura não apenas afeta o sujeito enquanto ele está envolvido com as palavras de um texto, mas também extrapola os limites das páginas para modificar o próprio sujeito e a sua relação com o mundo. Por essa compreensão, é possível perceber um alargamento na relação entre o leitor e o encontro, por meio da relação, com a obra. Esse entendimento é apreendido pelo gesto de leitura da crônica.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, objetivamos observar o leitor e a construção de significados pelo viés da teoria da Estética da Recepção, proposta por Jauss (1994). A finalidade era compreendermos o cruzamento dos horizontes de expectativa da obra com os do leitor, no momento da leitura, por meio da crônica *A carta*, de Mia Couto. Com efeito, a leitura contribui para apreendermos a relação existente na tríade autor, obra e leitor, pois fomenta a perspectiva de observação das interações pessoais entre eles. O que torna possível a análise do texto literário, pela descrição dos modos de construção dos significados, estabelecendo como foco o papel do leitor.

Nesse sentido, a relação do leitor com a obra é previamente estabelecida pelo seu horizonte de expectativas. Isso ocorre quando o leitor reflete sobre seu próprio posicionamento em relação à obra. Dessa forma, ele pode se posicionar e ter uma atitude participativa. Assim, o leitor passa a realizar atualizações que são operadas no texto em diferentes épocas. De modo que, com a época, as novas atualizações são feitas sem, necessariamente, excluir as anteriores, mas certamente modificando-as.

Logo, uma obra não será lida da mesma forma, visto que o sentido do texto não repousa sobre o autor, ou seja, o autor não detém o sentido do texto que escreve, de acordo com Zilberman (2008). Isso se dá

porque o leitor é múltiplo e realiza múltiplas leituras. Assim como, segundo a autora, a leitura não é algo oriundo da prática da escrita. Apesar de a escrita, primeiramente, ter se transformado no veículo preferencial de comunicação textual, poético ou não, a falta de domínio da escrita não é impedimento para o leitor viver uma experiência estética pela leitura.

REFERÊNCIAS

- ANGIUS, Fernanda, ANGUIS, Matteo (1998). O Desanoitecer da palavra. Mindelo/Praia: Embaixada de Portugal/Centro Cultural Português.
- CANDIDO, Antonio. Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.
- COUTO, Mia. *Cronicando*. São Paulo: Companhia das Letras, (1991) 2012.
- EAGLETON, Terry. Teoria da literatura: uma introdução. Trad. Waltensir Dutra. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- ISER, Wolfgang. O ato da leitura: uma teoria do efeito estético. Vol.2 São Paulo: Ed.34, 1999.
- JAUSS, Hans Robert. A história da literatura como provocação à teoria literária. Trad. de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.
- SILVA, L. H. O.; MELO, M. A. O que pode o leitor? *Revista EntreLetras (Araguaína)*, v. 6, n. 2, p. 120 – 132, 2016.
- XAVIER, Lola Geraldine. *Crônicas de Mia Couto: o entregênero em torno do hibridismo genológico*. Coimbra: Forma Breve, 2010.
- ZILBERMAN, Regina. Estética da recepção e história da literatura. São Paulo: Ática, 2008.